

# **Etnografia nos estudos das infâncias: contribuições ao debate epistemológico, teórico e metodológico<sup>1</sup>**

Patrícia Maria Uchôa Simões – PPGECI/Fundaj-UFRPE

Douglas Vasconcelos Barbosa – PPGECI/Fundaj-UFRPE

Milene Moraes Ferreira – PPGECI/Fundaj-UFRPE

## **Resumo**

A perspectiva etnográfica vem sendo amplamente utilizada nos estudos das infâncias pelas possibilidades que oferece de aproximação da criança, de suas interações e de suas práticas culturais, seja no campo educacional, na sociologia, geografia ou na antropologia. O presente texto teve como objetivo discutir as contribuições dessa perspectiva ao debate epistemológico, teórico e metodológico. No âmbito da epistemologia, os estudos das infâncias propõem um movimento de ruptura com as abordagens clássicas das ciências das infâncias que partem de visões biologizantes, essencialistas e universais da criança. O campo interdisciplinar dos estudos das infâncias, por outro lado, compreende a infância situada, ou seja, enquanto categoria de análise construída num tempo histórico, num território, numa dada cultura e sociedade. Sendo assim, a etnografia, pela sua sensibilidade às singularidades e diferenças que constituem as infâncias, revela uma coerência com as epistemologias dos estudos das infâncias. Nesse mesmo sentido, o debate teórico nesse campo também encontra na etnografia a possibilidade de compreensão das realidades infantis além das visões adultocêntricas e das orientações normativas da sociedade, numa abordagem em que a criança tem agência e portanto, é um sujeito construtor de culturas, conhecimentos e do seu próprio desenvolvimento. A etnografia privilegia a capacidade da criança de reinterpretar as realidades, produzindo sentidos e significados. Por fim, enquanto metodologia de pesquisa social, a etnografia nos estudos das infâncias sustenta-se na produção de registros das interações sociais que se baseia no princípio da simetria ética com os adultos, de forma que busca ouvir a voz das crianças que foram silenciadas pela cultura adultocêntrica e se aproximar do olhar da criança sobre o mundo adulto. Sendo assim, a pesquisadora ou o pesquisador participa da pesquisa com a criança, num movimento de aproximação e de construção de conhecimentos. O diálogo proporcionado pela experiência etnográfica na pesquisa das infâncias modifica todos os envolvidos na situação, pesquisadoras, pesquisadores e crianças modificam-se mutuamente, num processo não linear, mas dialético de construção de novos saberes.

**Palavras-chave:** Infâncias; Crianças; Etnografia.

## **Introdução**

Apesar da origem da etnografia moderna se localizar no final do século XIX e início do século XX, essa forma de investigação antropológica traz importantes

**1** Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020

contribuições para a pesquisa qualitativa nas diferentes áreas das ciências humanas e sociais.

A abordagem etnográfica combina técnicas e recursos metodológicos, dando ênfase às estratégias interativas de observação participante, com o objetivo de captar a rede de significações que estão subjacentes no discurso social.

A etnografia vem sendo amplamente utilizada nos estudos das infâncias pelas possibilidades que oferece de aproximação com a criança, compreendendo suas interações e suas práticas culturais, no sentido de promover o encontro do pesquisador ou pesquisadora com as formas de produção, interpretação e reinterpretação da cultura das crianças (CORSARO, 2005; FERREIRA; NUNES, 2014; PIRES, 2010; SIMÕES; FERREIRA, 2019; SOUSA, 2015).

Nesse sentido, o presente texto teve como objetivo discutir as contribuições da abordagem etnográfica ao debate epistemológico, teórico e metodológico dos estudos das infâncias e das crianças, no sentido de evidenciar a pertinência de sua utilização nessa área e sua proximidade com os propósitos desse campo.

### **A etnografia e o debate epistemológico dos estudos das infâncias**

No âmbito da epistemologia, os estudos das infâncias propõem um movimento de ruptura com as abordagens clássicas das ciências das infâncias que partem de visões biologizantes, essencialistas e universais da criança (CORSARO, 2005; 2011; PROUT, 2010; QVORTRUP, 2010, SARMENTO, 2004, 2005, 2008).

Essa digressão do pensamento hegemônico desloca-se de uma interpretação dos fenômenos relacionados às infâncias pautada numa dimensão evolucionista e na ação das instituições sobre as infâncias para a adoção de uma prática descolonizadora na pesquisa das infâncias (ABRAMOWICZ; RODRIGUES, 2014; MOTTA; FRANGELA, 2013; SIMÕES; SANTOS; BARROCA, 2015).

Como Abramowicz e Rodrigues (2014), afirmam:

(...) Descolonizar é produzir uma processualidade na qual é possível constituir experiências sociais e individuais singulares, que descentralizem, ou façam fugir os modelos e lugares hegemônicos que centralizam sentidos, norma, estética, saúde, entre outros, dominantes e que se constituam para além da lógica do capital. (ABRAMOWICZ; RODRIGUES, 2014, p.462)

Nessa perspectiva dos estudos das infâncias, a investigação busca um olhar sobre as estratégias de subordinação que produzem o “outro”: a criança, em sua especificidade e singularidade.

Dessa forma, o campo interdisciplinar dos estudos das infâncias compreende a infância situada, ou seja, enquanto categoria de análise construída num tempo histórico, num determinado território, numa dada cultura e sociedade (CHRISTENSEN, 2010; LOPES, 2008; 2013; LOPES; SUAREZ, 2018, LOPES; VASCONCELLOS, 2005).

Sendo assim, pela sensibilidade às singularidades e diferenças que constituem as infâncias, a etnografia revela uma coerência com as epistemologias dos estudos sociais das infâncias.

### **Etnografia e as perspectivas teóricas e conceituais dos estudos das infâncias**

O debate teórico e conceitual nesse campo também encontra na etnografia a possibilidade de compreensão das realidades infantis além das visões adultocêntricas e das orientações normativas da sociedade.

Ressalta-se que, desde a década de 1970, a pesquisadora brasileira Fúlvia Rosemberg (1976) já apresentava sua crítica à *postura adultocêntrica* que era assumida por pesquisadores das infâncias, sobretudo na psicologia.

Os estudos sociais das infâncias reconhecem a infância enquanto categoria social geracional que possibilita a compreensão da sociedade por ser estrutural nas dinâmicas sociais (QVORTRUP, 2010; PROUT, 2010; SARMENTO, 2005; 2008; 2013).

As pesquisas nessa abordagem investigam a condição infantil delimitada pelas normatividades que as instituições sociais admitem na concepção do que é ser criança, num certo tempo.

Marchi e Sarmiento (2017, p. 257) nos chamam atenção para o fato de que “práticas e concepções de crianças que se afastam da normatividade definida pelas classes e grupos sociais dominantes podem levar a excluir certas crianças”, inclusive eles tocam na questão dos meninos de rua que “sofrem dupla exclusão, dos direitos sociais básicos e do valor simbólico inerente ao seu reconhecimento como crianças” (p. 257). Desta forma, há uma diversidade que não pode ser normatizada universalmente e é aí que a etnografia se faz presente para revelar, com os olhares, ouvidos e sensibilidades dos pesquisadores em contato com seus nativos e sujeitos da pesquisa, as multifacetadas infâncias brasileiras.

Outro aspecto que o debate teórico e conceitual promove é a própria definição de

criança como ser ativo, ou seja que tem agência e, portanto, capaz de construir culturas, conhecimentos e o seu próprio desenvolvimento (ALLISON, 2009; CORSARO, 2005; 2011; PROUT, 2010).

Ao ouvir as crianças como agentes, a etnografia privilegia essa capacidade da criança de reinterpretar as realidades, produzindo sentidos e significados que são compartilhados pelos pesquisadores e pesquisadoras o que, então, insere o debate metodológico nos estudos sociais das infâncias .

### **Etnografia no debate metodológico dos estudos das infâncias**

A proposta de ruptura teórico-conceitual na investigação das infâncias exige a implementação de metodologias que focalizem suas experiências, pontos de vista e vozes, compreendendo-as enquanto processo, em outras palavras, constante construção. A criança não é o objeto do estudo, mas é sujeito que interage com o pesquisador e pesquisadora na construção dos sentidos e significados da pesquisa (SIMÕES; RESNICK, 2019).

O sociólogo contemporâneo William Corsaro, que tem desenvolvido estudos com foco na sociologia da infância, nas culturas de pares, nas relações entre adultos e crianças e entre crianças e seus pares, considera que, de forma semelhante ao uso pelos antropólogos da etnografia nos estudos das “culturas exóticas”, os pesquisadores das infâncias utilizam-se desse método para inserir-se e serem aceitos pelos grupos estudados, de forma a se tornarem um “nativo” (CORSARO, 2005, 2011).

Essa natureza da pesquisa etnográfica também é ressaltada por Conh (2005) que compreende que essa opção de investigação favorece a participação ativa no mundo social da criança, permitindo vê-la e ouvi-la.

Nesse caminhar, podemos aduzir que “as pesquisas etnográficas assumiram, desde sua gênese, a observação participante como técnica de geração de dados” (MARCHI, 2018, p. 729). Para essa construção de dados é preciso que o pesquisador se conecte com seus sujeitos de maneira a não considerá-los objeto e, para isso, é necessário uma inventividade que possa entrelaçar, harmoniosamente, os nativos e o pesquisador.

Para Corsaro (2011), a etnografia possibilita obter informações e conhecimentos que as entrevistas e questionários não nos permitem, uma vez que as interações das crianças e a produção das culturas acontecem no presente e dificilmente podem ser relatadas como eventos que passaram.

Nesse sentido, o campo da antropologia tal como aduz Sousa (2015), tem se despedido de suas certezas para se questionar a legitimidade de como se procede investigações e também a própria relação entre pesquisador e sujeito da pesquisa. Ela nos chama atenção para pesquisas etnográficas com “crianças pequenas” e sua vivência no campo etnográfico com imaginação e criatividade.

Percebe-se, desta forma, que a etnografia pode se traduzir numa reflexividade que envolve o ser criativo, mas também o imaginário, algo que caminha para uma boa vivência no campo entre o pesquisador e os nativos. No entanto, ainda de acordo com Sousa (2015), no que diz respeito a etnografia com “crianças pequenas”, é necessário que o pesquisador se disponha a traduzir os silêncios e interpretar as “falas-entrecortadas, palavras mal pronunciadas e interlocutores monossilábicos numa tentativa de dizer o não dito” (p.149).

Portanto, dentre os métodos possíveis para compreender essa capacidade das crianças expressarem seu próprio olhar sobre o mundo, ressalta-se que a etnografia possui amplo potencial epistemológico, dado que por meio da observação atenta e descolonizada, é possível conhecer e interpretar os sentidos intersubjetivos, deste grupo geracional, mediados pelos atos, falas e silêncios, gestos e movimentos.

### **Considerações Finais**

Por fim, enquanto metodologia de pesquisa social, a etnografia nos estudos das infâncias sustenta-se na produção de registros das interações sociais que se baseia no princípio da simetria ética com os adultos, de forma que busca ouvir a voz das crianças que foram silenciadas pela cultura adultocêntrica e se aproximar do olhar da criança sobre o mundo adulto. Sendo assim, a pesquisadora ou o pesquisador participa da pesquisa com a criança, num movimento de aproximação e de construção de conhecimentos.

O diálogo proporcionado pela experiência etnográfica na pesquisa das infâncias modifica todos os envolvidos na situação, pesquisadoras, pesquisadores e crianças modificam-se mutuamente, num processo não linear, mas dialético de construção de novos saberes.

### **Referências bibliográficas**

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. *Educação & Sociedade*, v. 35, n. 127, p. 461-474, 2014. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302014000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 9 de out. de 2020.

CHRISTENSEN, Pia. Lugar, espaço e conhecimento: crianças em pequenas e grandes cidades. In: MÜLLER, Fernanda (org.). *Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições*. São Paulo: Cortez, p. 143-164, 2010.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, 2005.

CORSARO, William. Estudos da Criança e da Infância. In: CORSARO, William. *Sociologia da Infância*. SP: ARTMED, 2011.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios *Linhas Críticas*, v. 20, n. 41, p. 103-123, 2014.

JAMES, Allison. Dando voz às vozes das crianças: práticas e problemas, armadilhas e potenciais. Tradução de Deborah Esther Grajzer e revisão científica de Manuela Ferreira e de Cristina Gouveia. *Zero-a-Seis*, v. 1., n. 40, p. 219-248, 2019.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, 2013.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. *Contexto & Educação*, Ano 23, n. 79, p. 65-82, 2008.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. *Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa*. Juiz de Fora: FEME, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira; SUAREZ, Mathusalam Pantevis. “É de outro planeta, ele é extraterrestre”. Revisitando os estudos em Geografia da Infância no Brasil. *Contemporânea*. v. 8, n. 2, p. 495-512, 2018.

MARCHI, Rita de Cássia. Pesquisa etnográfica com crianças: participação, voz e ética. *Educação & Realidade*, v.43, n.2, p. 727-746, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362018000200727&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362018000200727&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 9 de out. 2020.

MARCHI, Rita de Cássia; SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância, normatividade e direitos das crianças: transições contemporâneas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, n. 141, p. 951-964, 2017.

MOTTA, Flávia Miller Naethe & FRANGELA, Rita de Cássia Prazeres. Descolonizando a Pesquisa com a Criança – uma leitura pós-colonial de pesquisa. *Educação e Contemporaneidade*, v. 22, n. 40, p. 187-197, 2013.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de Antropologia*, v. 50, n. 1, p.225-270, 2007.

PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia?. *Horizontes Antropológicos*, v.16, n.34, p.137-157, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832010000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 9 de out. 2020.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. *Cadernos de Pesquisas*, v. 40, n. 141, p. 729-750, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n141/v40n141a04>

QVORTRUP, J. A. A Infância como categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 631-643, 2010.

ROSEMBERG, F. Educação para quem? *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 28, n. 12, p. 1466-1471, 1976.

SIMÕES, Patrícia Maria Uchôa; FERREIRA, Milene Moraes. Infância, cultura e corpo: análise da produção bibliográfica em periódicos brasileiros/Childhood, culture and body: analysis of bibliographic production in brazilian journals. *Brazilian Journal of Development*, v. 5, n. 10, p. 20449-20461, 2019. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/3912/3696>. Acesso em: 02 de fev. de 2020.

SIMÕES, Patrícia Maria Uchôa; SANTOS, Elaine Suane Florêncio dos; BARROCA, Karla Cabral. A PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL E A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA. **Anais do II Seminário Internacional sobre Infâncias e Pós-Colonialismo**. In: Anais do II Seminário Internacional sobre Infâncias e Pós-Colonialismo: pesquisas em busca de pedagogias descolonizadoras, 26 e 27 de outubro de 2015; Campinas, SP, 2015, p.09-21. ISBN: 978-85-7713-176-1.

SIMÕES, Patrícia Maria Uchôa; RESNICK, Riva. A PESQUISA DAS INFÂNCIAS COMO POSSIBILIDADE DE ENCONTROS E TROCAS DE CONHECIMENTO. In: Edclécia Reino Carneiro de Moraes; Fatima Maria Leite Cruz; Maria de Fátima de Souza Santos; Renata Lira dos Santos Aléssio. (Org.). *Interação social e desenvolvimento humano*. 1a.ed. Recife: Ed. UFPE, v. 1, p. 33-55, 2019.

SOUSA, Emilene Leite de. As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. *Revista Iluminuras*, v. 16, p. 140-164, 2015.